

Rafael Hitlodeu (pseudónimo de Sofia Raquel da Rocha Moreira)
(Menção Honrosa – Categoria A Prémio Utopia UP)

Citação: Rafael Hitlodeu, " Um Lugar Adormecido Ao Sal", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 6 (2007). ISSN 1645-958X.

<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/revista/index.htm>

«Desculpe...bom dia», disse. Ela continuava imóvel, silenciosa, como se não o tivesse ouvido. «Bem, eu...» insistiu ele, hesitante e perturbado. «...sabe dizer-me onde estou, para onde vim e como vim aqui parar?... Aaah, se não for incómodo, é claro.»

Silêncio _____ .

Não teria mesmo ouvido? Não compreenderia a sua língua? Ou...

«Bem, sendo assim, vou procurar uma saída... por aí... deixe-se estar, eu desenrasco-me.»

Desapontado com a primeira pessoa que encontrara naquele lugar, por si só desapontante, que ele não compreendia, expressou com as mãos um grande descontentamento e começou a andar, lentamente, passo por passo, naquela terra tão fria. «Sal, sal, sal...», disse. E era o que via: sal debaixo dos seus pés, sal no horizonte, sal por todo aquele lugar. Era branco e grosso, parecia pequenas pedrinhas que se enterravam, sem dó, na sua pele sensível.

«Deixa-me olhar-te.», suplicou alguém.

A sua cabeça estremeceu, os seus olhos congelaram, os seus tímpanos vibraram com aquela voz doce, fina e pura. Depois, os seus braços estremeçeram, as suas pernas seguiram o impulso vibrante... até a sua Razão estremeceu. Seria para ele? «Sim, é para mim», concluiu. Olharia para trás. Não lhe restava outra hipótese senão ouvir: tinha fome, tinha sede, estava confuso. Acordara com uma grande dor na fronte e os seus olhos, vendo todo aquele cenário, teimaram cerrar-se de novo.

No entanto, não era um sonho. Tudo era real, ele próprio também era real.

O rapaz girou sobre o seu próprio corpo, como um girassol à procura de luz e viu o corpo do habitante daquele lugar sem nome. «Não é nada parecido comigo.» pensou ele de imediato: tinha um olho negro no centro da face, uma boca rasgada por um sorriso inocente, um tronco que parecia moldável e deformado, apenas um braço, longo, e uma perna, desproporcional em relação ao resto do corpo, que finalizava com um enorme pé (decerto adequado às condições daquele chão). Mas o que mais o impressionou, apesar de tudo, foi o coração daquela criatura: era visível – uma metade apenas, com um bordo rugoso, esperando a outra para se completar. Se o olhássemos fixamente, teríamos sempre a impressão de que a sua presença significava sempre a ausência de algo, mas não deixando de ser bom, nem sequer um coração. E emitia uma luz tão fulgurante e brusca que ofuscou o pobre explorador, fazendo-o irreflectidamente recuar.

Porque reagira ele assim? Decerto que a perturbação causada pela luz não fora maior que o preconceito estúpido que trazia dentro do seu peito e que fluía por todas as artérias do seu corpo. Aquela criatura era um ser horrendo, ridículo e nada parecido consigo. “FEIO” foi a primeira palavra que (per)correu o seu pensamento. Mas teria de conter os seus pensamentos. Afinal de contas, estava sozinho, esfomeado e perdido.

Com um sorriso eterno nos lábios, e com um jeito tão simples e sincero, o habitante daquele lugar

aproximou-se dele e pediu-lhe (quase que suplicando) «Deixa-me tocar-te, deixa-me pensar-te, deixa-me ser-te sendo-me! Porque eu esperei por ti durante todo este tempo».

Temendo que a mão da criaturazinha o magoasse, tentou impedir. Mas nunca pensou que aqueles dedos, deslizando agora por todo o seu corpo, fossem tão suaves.

Deixou-se sentir.

«Eu sempre sonhei com um ser como tu. És belo e completo!» murmurou, como se algo de extraordinário estivesse a acontecer. «Se não acreditares em mim, eu mostro--te o esboço do ser perfeito que fiz há muito tempo, quando ainda o meu planeta ocupava o lugar do teu. Eras tu! És indubitavelmente tu!». De súbito, como se tivesse regressado de novo ao seu corpo, perguntou onde estava o seu coração. «Não consigo vê-lo, não consigo senti-lo. Não és transparente. Mas sei que tens um...e é completo, não é?»

O pequeno explorador, cerrando e abrindo várias vezes os olhos, como se quisesse acordar da própria realidade, respondeu: «Bem, penso que sim...na verdade, sim. Sou Ser Humano!» O pobre coitado não sabia bem o que dizer. O seu corpo enfraquecia a cada segundo, que mais parecia mil anos. Dir-lhe-ia, não tardaria, que estava esfomeado e que não queria mais falar. «Olha, a nossa conversa, embora estranha, está a ser muito agradável. Mas a verdade é que cheguei não sei quando, não sei como e estou com tanta fome que já não me lembro como se come. Se não te importasses...»

Apertando firmemente a mão do queixoso, a criatura, feliz, interrompeu-o. «Claro que sim. Vem comigo». E correram os dois.

O explorador, qual cego à procura de lucidez, não via no horizonte senão sal. E a comida? A casa onde iria repousar? Os restantes habitantes? Não aguentava mais.

No entanto, a criatura não parecia ver o seu sofrimento. Corria cada vez mais depressa, arrastando o explorador pelo chão, como se de um brinquedo novo se tratasse.

«Olha, afasta-te dessa árvore!» exclamou ela. Árvore?! Não existia árvore nenhuma. Na verdade, ele não via árvore nenhuma! «Então? Eu avisei-te. Deves estar com grandes dores, batendo assim com o corpo!»

Aquele era definitivamente um lugar estranho.

Pararam. Tinham andado pelo menos um quilómetro e o pequeno explorador nem queria acreditar no que os seus olhos viam: Salt... du sel...integri sales... apenas sal.

«Entra, disse a criatura, esta é a minha casa. É bonita não é?» Bonita? Não via senão... sal! Então, enchendo-se de coragem, quase morrendo, respondeu-lhe, num sopro: «Eu não vejo nada a não ser sal. E a tua casa talvez seja bela, mas eu não consigo vê-la!»

A criaturazinha, sorrindo ainda, ajoelhou-se a seus pés. «Oh, desculpa! O meu planeta deve ser muito diferente do teu, talvez em tudo. Não percebi isso antes. Mas já deverias saber que neste lugar tudo vive dentro de ti, tudo existe em ti. Se queres permanecer neste lugar, tens de acreditar na tua criatividade. Na verdade, não há nada fora do nosso pensamento.»

Embora frágil, o explorador foi entendendo a pouco e pouco aquele lugar. Era diferente, e pronto. Parecia fácil de compreender, se a comida não tivesse de ser imaginada também. Mas para já, ele não o sabe.

Quando mal acordou, estava sentado com uma imensa multidão, disposta em círculo. Todos eram habitantes daquele lugar, mas todos eram diferentes. Cada um falava numa língua diferente e todos pareciam compreender-se. Uns, segundo o explorador, tinham orelhas muito compridas em relação à cabeça; outros tinham dentes que perfuravam o chão; e havia um que despertou no explorador especial interesse: tinha uma enorme cabeça de astronauta.

A nossa criaturazinha, essa, fazia gestos estranhos com a mão no centro daquele círculo. Todos a olhavam. Depois, estendeu o olho ao céu e disse «Façai com que a nossa imaginação nunca falte, com que o nosso coração também não e com que eu possa partilhar mais esta refeição com dois mil cento e quarenta e três habitantes.»

O explorador, não sabia mais o que fazer ao seu pobre espírito. A criatura que ele conhecera como a si próprio, parecia delicadamente partir com a mão 'algo' e entregar esses bocadinhos de 'algo' a cada um dos seus habitantes, que tratava como seus filhos.

Chegou perto do rapazinho, olhou para os seus olhos, mortos. Sorrindo, estendeu a mão e entregou-lhe 'algo' que para o nosso humano era 'nada', invisível.

Ele fixou, com as lágrimas subindo-lhe à ira, aquela mão vazia.

«Toma. Com este bocado de peixe, sacia a tua fome», disse ela.

E, olhando para os olhos do nosso explorador, confiante de que conseguiria comer, deixou cair o peixe nas suas mãos.

Ele abriu a sua boquita trémula e absorveu aquele pedaço de peixe com toda a sofreguidão.

*

«Isto é uma pedra.»

«Sim, é uma pedra.»

«Vermelha!»

«Sim, uma pedra vermelha.»

«Especialmente bela.»

«Uma bela pedra vermelha.»

Assim começou o dia do nosso explorador, vindo não sei de onde e 'chegado não sei quando'. Tinha dormido profundamente, como se tivesse repousado na verdade do seio quente da sua mãe. O dia naquele lugar tinha nascido límpido como o seu espírito. E agora, esquecendo-se da saída que tanto procurara, aprendia a compreender aquele lugar, a olhá-lo tal como o outro o vê.

«E aquilo que vês ali, é um rio.»

«Um rio? Sim, sim, ...vejo um rio repleto de peixes.»

«Peixes?! Não há peixes nenhuns naquele rio!»

contrariou a criatura.

«Mas eu digo que há. E saltam. Tu és que não os vês.»

«Bem, rendo-me! Há peixes naquele rio».

E riram-se os dois.

Melhor dizendo, parecia-me até que o rapaz nem queria mais saber da saída, nem do regresso. Não sentia saudade do planeta de onde viera, porque o trazia dentro de si, como a sua própria identidade – um punhal enterrado na sua carne.

(O que se estaria a passar na sua cabeça? Começaria ele a gostar deste lugar que, há algum tempo atrás, detestara tanto como a primeira criaturazinha que havia encontrado? Talvez sim, talvez não, talvez não e sim ao mesmo tempo. Nem a minha omnisciência permite sabê-lo.)

O que se sabe é que passou todo o dia conversando, contando o seu passado, de onde viera, e outras coisas (tantas!) de que não me lembro.

«Ao princípio, confesso, achei-te muito feia porque não eras igual a mim. Mas agora...não sei, acho-te bonita. E este lugar é mágico!»

«Bem, hãã... Este lugar não tem nada de especial. Tu próprio, com a tua mais pura sinceridade, não o achaste nem belo, nem mágico quando o olhaste pela primeira vez», desafiou a criatura.

O explorador teria de se safar desta! Mas foi ela quem mudou de assunto.

«O teu lugar, esse é que deve ser fantástico! As pessoas devem ser amorosas, calmas e muito inteligentes.» continuou ela. Levantou-se para exorcizar todo o seu entusiasmo com todo o seu corpo, gesticulando a sua mão. «E depois, deve ter casas muito altas e ricas, sítios com árvores de fruto... E há?»

«Se há o quê?» perguntou o explorador, que parecia não tê-la ouvido.

«Sítios como os que descrevi!...»

«Sim, sim», respondeu o rapaz, bocejando.

«E também há muito peixe, não há fome, todos têm um coração bom e não há tristezas....é assim que eu imagino e sempre imaginei o teu lugar! Um lugar onde nada falta, onde tudo é completo como tu...Ai, ai!» (Suspiro). «Responde-me: é assim o teu lugar, não é? E o que há mais? Há estrelas? Há sal?»

O que sobrava na pobre sonhadora faltava no nosso explorador: ânimo para falar do seu lugar. Era

impossível, mesmo que lho pedissem, imaginar o seu planeta como aquele que lhe impusera a criatura.

«Tudo é completo, excepto eu», respondeu ele tristemente, depois de uns minutos de reflexão. «O que mais há no meu mundo é fome, tristeza, pobreza, guerra por peixe, maldade, ódio pelo homem e temor à vida... As pessoas estão revoltadas, não acreditam em mais nada, não se compreendem mesmo que falem a mesma língua, percebes? Já não se pode acreditar no Homem, logo não se acredita em mais nada. E eu... sou mau...admito que o sou, mais do que ser outra coisa qualquer». Cobriu a face (talvez por vergonha) com as suas próprias mãos.

E pronto: tinha acabado de revelar aquilo que tanto pesava o seu coração e aquilo que tanto sujava o seu nome. Parecia mostrar o seu arrependimento por algo que tinha feito de errado, grave.

Foi a primeira vez que vi aquela criatura fazer surgir da sua boca uma tristeza que parecia inconsolável. Veio sentar-se bem perto do explorador, disposta a fazê-lo sentir-se bem.

«Tu não podes dizer que o teu lugar é feio. Mas se realmente é, é porque tu também és. A culpa é tua, que não te soubeste aproveitar; criaste palavras como “ódio”, “maldade”, “pobreza”...».

Todas aquelas palavras impressionaram deveras o ser humano que não queria ser mais que não sê-lo. Aquela criatura ‘feita de lixo que o Universo não quis aproveitar’, (assim como o habitante com cabeça de astronauta) era um ser fantástico que o compreendia como nunca nenhum ser humano o tinha compreendido antes. Talvez aí se explicasse a sua súbita mudança de atitude para com a criaturazinha.

«Para além disso», prosseguiu, «não podes ser inteiramente mau. E sabes porquê? Se assim fosse, a palavra maldade não existiria porque tu não terias a consciência maléfica dos teus actos. Tu és bom porque sabes que em ti há maldade, porque sabes que no teu planeta há pobreza, ódio e incompreensão. E se queres criar um mundo melhor, não podes construí-lo ignorando o que de mal construístes: tens de tentar, lentamente, que a tua boca, o teu pensamento, não mais soletrem as palavras que criaste para deteriorar pessoas».

Ora aqui está alguém que não acredita na inteira maldade do Homem! E um explorador, que se achara mau toda a vida, e se torna repentinamente bom. «Eu sou uma coisa boa», pensou.

E era. Era preciso compreender que existia maldade, incompreensão, ódio, pobreza, fome para se crer que não se quer mais que isso exista. Afinal de contas, o explorador (coitado! servindo de modelo para representar a Humanidade inteira) tem que mudar para que o mundo mude, inteiro, consigo...Porque se ele não existisse, não haveria mundo, não haveria tempo, não haveria espaço., não haveria o nada, não haveria o tudo.

Os dois sorriram, de novo, sem motivo.

«Tem piada», disse o explorador, «eu é que sou o explorador, eu é que te deveria explorar, e sou eu que acabo sendo explorado.»

«Explorado?»

«Completamente!»

«E era a mim que querias explorar?»

Apenas queria conhecer o que se escondia por detrás do Universo desconhecido, queria provar que ele era finito e que o Homem não tinha limites para as suas investigações, para os seus projectos; queria provar que os buracos negros não eram verdadeiramente negros.

«Mas isso é fantástico!»

«É. Todos no meu planeta acham que o Universo é infinito, não pode ser limitado.»

«No entanto, ele cabe na palavra Universo. À partida, já é limitável.»

«Pois», concordou o explorador, «Mas se o Homem é um lugar inacabado, não é a conquista do espaço que o vai completar.»

Silêncio _____.

«Agora, tens consciência de que não poderás mais voltar ao teu planeta?...»

«Não?»

«Nunca mais. Rompeste a placenta irreparável do Universo. Caíste num lugar esquecido pela falha(da) memória do tempo. Para além disso, já não serias reconhecido, já não serias o mesmo se regressasses. Eu também tinha um objectivo semelhante quando era velha... Queria provar que o sol era pura alucinação nossa, vê lá!»

«...E para que não caíesses no esquecimento, não o fizeste, não foi?»

Quando era velha?! Foi mesmo o que ela disse? Mas não teria ela uns sete ou oito anos, como parecia ter?!

«Quando eras velha?! Não tens sete ou oito anos? Quando eras mais nova, queres tu dizer!»

Mas não queria. Tinha nove anos, na verdade. Naquele lugar, para o maior espanto do explorador, as pessoas nasciam velhas e morriam bebés. A criatura tinha nove anos. Depois teria oito, sete, seis, cinco. Naquele planeta, as pessoas iam perdendo a noção da sua existência, iam-se esquecendo do significado da significância das palavras, até que deixavam totalmente de falar, andar sozinhas e transformavam em sal.

Isto aterrorizou muito o pobre rapaz. Não era egoísta para pensar na sua morte. Embora a temesse mais do que a sua própria vida, temia mais a vida de alguém de quem gostasse muito, porque viver com a sua **ausência** assustava-o muito mais do que viver **sem** a sua **presença**. Não seria, também isso, egoísmo?

Sendo-o ou não, era o que estava sentindo naquele momento. E imaginar que aquela criaturazinha, com quem conversava tranquilamente, seria sal dentro de uns dias... «Ah, se pudesse ficar eternamente ali, parar aquele minuto», pensava ele. Quem lhe dera nunca ter criado o tempo! O tempo que fluía e fluiria quanto mais quisesse que não fluísse. Lutaria contra a sua irreversibilidade, se fosse necessário.

E o que dizia a sua Razão? Dizia que amava a criaturazinha, amava-a tanto que não pôde conter as

lágrimas ao olhar aquele sal que pisava.

«O que foi? Estás doente?», perguntou ela com preocupação de mãe, de irmã, de amiga, mas nunca de amante.

«Não...não! Estava só aqui a pensar como deve ser bom nascer com sabedoria, com linguagem para se ter consciência do momento...e morrer sem conhecer o medo nem a dor da morte. No meu planeta, nascemos sem linguagem e morremos com ela evaporando-se do nosso corpo. O quanto dói só de imaginar!»

A pequena criatura fechou o olho com as suas grandes pálpebras e deitou a sua semi-cabeça no ombro esquerdo do nosso explorado(do(r)).

Tentando ocultar o seu nervosismo, que era, no entanto, inocultável, perguntou à criaturazinha como nasciam as pessoas naquele lugar.

Não lhe respondeu. Estava completamente desinteressada pelo seu interesse. Apenas se levantou como quem diz “Chegou a hora” e foi-se sentar, estática, a um canto. Eu e o explorado(r) seguimo-la apenas com o nosso olhar.

Ao longe, um homem velho sem face, curvado e roxo de frio, seguia ao nosso encontro. A criaturazinha esperava-o, paciente, de braço aberto.

Quando começou a ter a percepção clara do velho, o explorado(r) viu que da sua boca escorria uma saliva espessa e quente. Chegado perto da criaturazinha, o velho deitou-se no seu braço, que logo o aconchegou contra o corpo para aquecê-lo.

A criatura lacrimejava pela primeira vez na vida, deixando escorrer a água salgada que brotava do seu olho nas rugas profundas do velho.

Quanto ao pobre explorado(r), o mais certo é ter sido esquecido. Nunca tinha existido entre ele e a criatura o cordão invisível, mas inquebrável, que ligava aqueles dois seres. Afinal de contas, mesmo que o quisesse, aquele não era o seu lugar e ele não tinha deixado de ser o Homem nem apenas o explorador que ousou, um dia, desafiar a ciência. Tentar acordar do sonho seria a atitude mais sensata.

Por isso, sem rancor nem tristeza, levantou-se e decidiu partir.

Mas algo o estava a impedir. O que seria?

Um olhar doce e carinhoso da criaturazinha.

«Isto é uma pedra.»

«Sim, é uma pedra.»

«Vermelha!»

«Sim, uma pedra vermelha.»

«Especialmente bela.»

«Uma bela pedra vermelha.»

«Aquilo que vês ali é um rio com peixes.»

«Um rio com peixes.»

«E isto é amor.»

«Sim, é amor.»

«Puro»

«Amor puro»

«Partes?»

«Parto.»

O explorador deitou os olhos ao chão e partiu até não ver mais a criatura. Cerrou-os com muita força, mas ainda a imaginava perguntando o que via.

«O que vês?» perguntava a criaturazinha.

«Sal»

«Sal»

«Sal»

*

Acordei, faltavam vinte minutos para as oito da manhã, com os lábios da minha mãe colados à minha testa e com a sua voz dizendo «Até logo». Depois, compôs o seu vestido de veludo azul acima do joelho, olhou ao espelho pela última vez a sua face redonda, vestiu o seu sobretudo de peles preto e saiu de casa.

Era já habitual: dizia «até logo» mas chegava a casa às três ou três e meia da manhã. Não a via senão quando estava acordado com medo da chuva que batia nas janelas do meu quarto ou quando os trovões vinham iluminar a minha percepção dos objectos que ganhavam novas formas. Aí, fingia que dormia, mas ouvia os tacões batendo suavemente na tijoleira da sala. Depois, não se ouvia mais nada.

Quando olho para a minha mãe, figura esbelta como uma serpente, banhada em pele de pó-de-arroz, usando olhos de um azul muito transparente, lembro-me inevitavelmente do «até logo» e daquele dia trágico que assombra toda a minha existência.

Fazia cinco anos quando entrei para a escola. A minha mãe ainda existia e levou-me até ao portão, alertando-me para que não me esquecesse daquilo que me tinha dito.

Logo que vi a minha professora, percebi que era séria e muito calada. Convidou-nos a entrar numa sala enorme, e a sentarmo-nos. Fiquei exactamente à sua frente e ao lado de Joaquim.

De lábios inquietos e cor de cereja, olhando-me como se me estivesse trespassando, a professora perguntou-me o nome da minha mãe. «Como...como disse?», hesitei. «Qual o nome da sua mãe?» gritou ela. «Maria Fernández». «Nome do pai?...». «...José...José Francisco Pereira, António Ferreira Pacheco, Marco Soares, Constantino Manuel da Silva Ribeiro, o Sr. Silva, Afonso Duarte, o senhor Pereira de Melo e José Soares e Filho.»

Todos desataram num riso infernal.

Depois ironicamente perguntou-me «E o nome do menino?»

Não sabia. Quando olho para a minha mãe, apenas consigo ver este dia humilhante.

Hoje, senti nojo por me ter acordado àquela hora, cinco minutos mais cedo do que o habitual, tempo mais que suficiente para terminar o sonho.

Quando a ouvi bater a porta da sala, levantei-me. «Que raio de sonho!», pensei, assustado.

O autocarro chegava perto das oito e dez. Costumava tomar banho, vestir-me, tomar o pequeno-almoço e sentar-me à espera no jardim. Mas hoje, apenas me vesti e fui directamente esperar que ele

chegasse.

O meu sonho lá continuava, pimba, pimba, pimba...batendo-me sempre na cabeça. Trazer os meus sonhos no meu pensamento durante todo o dia é coisa que não me agrada mesmo nada. Cada vez que penso neles, acabam sempre por ser distorcidos. O melhor era esquecê-los, para sempre, já que não se pode adormecer e sonhá-los de novo, mudando o rumo dos acontecimentos. Mas especialmente com aquele sonho, a tarefa tornou-se inconcretizável.

Chegado o autocarro, entrei e sentei-me no primeiro lugar que encontrei. Não me apetecia falar com ninguém. Apenas desejava encostar a minha cabeça ao vidro sujo e nem sequer pensar.

Estranhando não ouvir a minha voz, o Tino veio sentar-se a meu lado.

«Então meu? Que bicho te mordeu hoje?» «Nenhum.» «Vai-te lixar. Alguma coisa te mordeu, e bem mordido. Tás estranho, pá! Não penses que enganas aqui o Tinoco, ou qué que tu pensas!»

Era o meu melhor amigo. Chamava-se Justino, mais conhecido por Tino, Tinoco para os amigos. Filho de pai médico e mãe psiquiatra era um rapaz que «queria ser fixe».

«Tá-se bem, se não me queres contar, não contes. Mas tenho uma coisa que te vai animar logo, pá!» (esfregou as mãos e sussurrou) «Arranjei uns putos pra levar ao poste, meu! Vai ser muita fixe! Já tenho saudades desses velhos tempos, meu. Logo à tarde, espera em frente ao portão e vamos divertir-nos, meu!»

Gostava de ver, através do vidro, as coisas aparecerem e desaparecerem, aparecerem e desaparecerem, consecutivamente. Lembrava-me sempre do comentário da minha professora de filosofia, morta há uma semana, que dizia que nada é eterno. «Ei, meu, não dizes nada?» perguntou, perante nenhuma reacção minha. «Viraste maricas agora, foi? O quê, não me digas que tens medo!»

Ele bem sabia que provocar-me era a única forma de me despertar. O detestável Joaquim acabara de entrar no autocarro.

«Ó Quim, aqui o nosso amiguinho virou maricas, não diz nada!»

«Ai não dizes nada, ó chavaló?»

Para informação do leitor, eu não tinha qualquer intimidade com o Joaquim. Mantive-me calmo, ignorando as provocações. «Arranjei-lhe uns putos pra levar ao poste, e ele é assim que me agradece! Pensa que agora é santinho, não?»

Para calar as suas provocações, que se tornavam frequentes, passaram-me duas ideias pela cabeça: matá-los ali, com o canivetê que trazia no bolso, ou escarrar-lhes na cara.

Optei pela segunda. Achei que talvez assim eles soubessem o amargo doce das minhas palavras. Logo que o autocarro parou, saí.

Tentava fazer um esforço enorme para me lembrar que aula ia ter. «Matemática? Não, não. Não é Biologia, Não é química...»

Era Português. Lembrei-me depois, quando me lembrei também do trabalho de casa. Tínhamos de criar uma utopia.

Mantive-me calmo e descontraído quando a professora perguntou quem não o tinha feito. Talvez assim não desconfiasse. No entanto, fui seleccionado para apresentar o meu lugar utópico a toda a

turma. Falar do meu sonho era a única hipótese que me restava naquele momento.

«Bem, eu...na verdade, eu aprendi muito enquanto dormia.»

Um riso infernal ecoou em toda a sala. Quem se mantinha silenciosa era apenas a professora.

«Apresenta-nos, então, o teu trabalho», insistiu a professora.

«Eu não escrevi nada, mas tenho a dizer que...que...cheguei à conclusão que o homem é o próprio não lugar.»

«Explica-nos melhor.» Pediu a professora.

«Não...não é nada disso que eu queria dizer...talvez não tenha percebido mesmo nada do meu sonho...não percebi mesmo nada! Nem sequer me lembro dele!»

Todos me olhavam fixamente. Talvez estivesse a empalidecer.

Pedi licença e retirei-me da aula.

*

«A aula decorria normalmente, pedi-lhe para apresentar o seu trabalho e ele disse-me que o Homem era um não lugar...»

«De facto, Helena, é muito estranho.»

«Mas o que mais me impressionou foi a sua reacção após ter dito isso: pediu-me educadamente licença e saiu da aula»

A sala de professores estava cheia naquele dia. Não tendo lugar para tomar o meu café, sentei-me na mesa da Conceição, também professora de português, que achou o caso do_____bastante estranho.

A empregada do segundo pavilhão dirigiu-se a mim, com um ar embaraçado e preocupado. As suas mãos gordas tremiam.

«Senhora professora, tenho aqui um papel muito importante para assinar. É o comprovativo de que_____ esteve sempre na sua aula e que não houve qualquer conflito dentro da sala.»

«Porquê? Aconteceu alguma coisa a_____?»

«Morreu, senhora doutora....não sei o que é, mas dizem por aí que foi de I-NE-FA-BI-LI-DA-DE.»

«As palavras explodiram dentro do seu próprio corpo.» (pensei)

«Então professora, vai assinar o papel?»

«Claro que sim. Da minha aula ninguém saiu, tudo correu como de costume e_____ estava

normalissimo.»

Assinei e sorri.